

## **O ESQUEMA DA SABEDORIA: DIÁLOGO ENTRE OS ESTUDOS DO AT E A TEOLOGIA SISTEMÁTICA – PV 8 COMO ESTUDO DE CASO**

*Willian V. Orlandi<sup>85</sup>*

### **1. Introdução**

O propósito do presente ensaio<sup>86</sup> é esboçar uma tentativa incipiente (mas espero que não insipiente) de contribuição para a tarefa contínua de construção de pontes de reflexão entre duas disciplinas aparentemente distantes da Teologia: os estudos do Antigo Testamento (AT) e a Teologia Sistemática (TS).

Para tal empreendimento, após um breve panorama das relações históricas dessas duas disciplinas, irei propor um estudo de caso em Provérbios 8.22-31, onde iremos averiguar algumas interpretações recentes na área dos estudos do AT e também o uso dessa passagem na TS.

Num primeiro momento, as abordagens e resultados das duas disciplinas parecem bem distantes, mas iremos propor um diálogo mútuo que pode ser proveitoso para ambas as áreas. Faremos esse diálogo a partir da hermenêutica teológica, o que pode promover uma atitude mais hermenêutica para a TS, e uma atitude mais teológica para os estudos do AT.

### **2. Separados desde o ventre? Um breve panorama histórico**

O estudo do Antigo Testamento é relativamente recente no cenário dos estudos teológicos. O nascimento do estudo do Antigo Testamento como área independente da teologia sistemática geralmente é atribuído à palestra inaugural de J.P. Gabler, em 30 de março de 1787, na Universidade de Altdorff, na Alemanha. Em sua palestra, Gabler fez uma distinção entre teologia bíblica e dogmática. Sua formulação clássica para essa distinção é feita no início da palestra:

---

<sup>85</sup> Pastor da Igreja Batista Reformada de Indaiatuba, SP. Professor de várias disciplinas na graduação e pós-graduação no Seminário Teológico Jonathan Edwards. E-mail: [willian\\_vitor15@hotmail.com](mailto:willian_vitor15@hotmail.com)

<sup>86</sup> Esse ensaio foi originalmente escrito para apresentação no grupo Bavinck, que é o grupo de pós-graduação em Teologia Sistemática do Seminário Teológico Jonathan Edwards, o qual tenho a honra de coordenar.

Existe uma teologia verdadeiramente bíblica, de origem histórica, que transmite o que os santos escritores sentiram sobre os assuntos divinos; por outro lado, há uma teologia dogmática de origem didática, ensinando o que cada teólogo filosofa racionalmente sobre as coisas divinas. (Sandys-Wunsch & Eldridge 1980:137; Kraus 1970:53).

Além disso, Gabler distingue duas fases no processo a ser seguido para chegar a uma teologia verdadeiramente bíblica. Em primeiro lugar, é necessário estabelecer o que os autores individuais da Bíblia queriam dizer quando escreveram um livro específico (Sandys-Wunsch & Eldridge 1980:148), distinguindo diferentes épocas históricas no Antigo e Novo Testamento (Sandys-Wunsch & Eldridge 1980:139). Gabler definiu o estudo científico do Antigo Testamento como uma disciplina histórica. Essa tarefa histórica à frente consiste em distinguir entre o que pertence apenas ao tempo e às circunstâncias dos livros da Bíblia e o que se aplica a todos os tempos e circunstâncias. 'Exatamente assim nossa teologia se tornará mais certa e mais firme' (Sandys-Wunsch & Eldridge 1980:138). Gabler também distinguiu uma segunda fase: 'A outra parte de nossa tarefa... é... uma comparação cuidadosa e sóbria das várias partes atribuídas a cada testamento' (Sandys-Wunsch & Eldridge 1980:141). Somente ideias ou pensamentos comuns a toda a Bíblia podem ser vistos como verdadeira doutrina da religião. Esses pensamentos comuns devem então ser ordenados para formar um todo coerente (Sandys-Wunsch & Eldridge 1980:148). Entretanto, com o racionalismo de Gabler em sua atitude antissobrenatural, muito pouco se encontra na Bíblia que pode ter aplicação universal.

Para Gabler, a tarefa dos estudos bíblicos é clara: '... tudo deve ser realizado apenas por observação exegética, e isso com cuidado constante.' (Sandys-Wunsch & Eldridge 1980:143). Assim, o curso dos estudos do AT se desenvolveu em suas ênfases literárias e históricas, com cada vez menos atenção às doutrinas teológicas presentes nos textos. Nessa perspectiva, o AT não poderia ser base doutrinária para a igreja em sua reflexão teológica.

Não muito depois da palestra de Gabler, G. L. Bauer sugeriu uma divisão dos estudos bíblicos em duas partes separadas, o Antigo Testamento e o Novo Testamento. Esse desenvolvimento foi fundamental para a alienação do Antigo Testamento da teologia cristã (Lemche, 2008, p. 366). O que se seguiu depois, para encurtar uma longa história, foi que os anos de 1920 a 1960 é um tanto parecido com o do período de 1787 a 1878. Os teólogos insistiram em que a teologia do AT tivesse bases históricas e permissão para dar, independente da teologia sistemática, seu testemunho ponderado,

mas que também tivesse condições de informar as teologias bíblica e sistemática (House, 2005, p. 44).

Além da “separação dos caminhos” entre AT e TS acontecer na própria manjedoura dos estudos da Teologia Bíblica, recentemente podemos incluir mais dois fatores para um distanciamento cada vez maior entre o AT e a TS. O primeiro fator (dentre muitos outros que poderíamos destacar) é o fenômeno da superespecialização. Já não é mais possível (ou desejável) ser um historiador do AT, nem mesmo de um grupo de livros dentro do AT. Temos apenas especialistas cada vez mais fragmentados, que conseguem analisar apenas um livro ou uma porção dentro de um livro do AT. Se os estudiosos não conseguem mais lidar com o todo do AT, quem dirá relacionar o AT com outras áreas da Teologia, como a TS, por exemplo. Em segundo lugar, a não exclusividade do uso do AT na religião cristã – que é usado como cânon completo no judaísmo por exemplo – desprende o AT do seu uso sistemático na fé cristã, colocando-o sobre debates mais ecumênicos.

Dado esse breve panorama histórico, com seus devidos muitos recortes por causa do nosso limite de espaço, passamos agora a definir cada disciplina (AT e TS).

### **3. Identificando os campos**

Desde o início, devemos reconhecer que a complexidade das possíveis relações entre o AT e a TS é muito grande e desafiadora. Rahner (1979) escreveu a esse respeito:

Não é fácil preencher a lacuna entre a teologia dogmática e a exegese no caso do Novo Testamento e, portanto, não é de surpreender que a mesma tarefa seja ainda mais difícil no caso do Antigo. (p. 177).

Mas como pode ser descrita a identidade dessas duas grandes áreas da Teologia? Vejamos primeiro os estudos do AT e depois da TS.

#### **3.1.O campo de estudos do AT**

Podemos destacar, a nível provisório, que os estudos do AT se concentram primordialmente no texto do AT em seu contexto histórico. Esses dois aspectos, linguístico e histórico, dominam as preocupações dos eruditos dessa área. Portanto, o

empreendimento exegético dos estudiosos do AT é um círculo hermenêutico linguístico-histórico – a leitura atenta do texto revela seu contexto histórico e esse, por sua vez, ilumina cada vez mais a compreensão do texto.

A partir desse preceito básico, a erudição do Antigo Testamento se dedica a uma pluralidade de abordagens. O Antigo Testamento pode ser investigado, entre outros, do ponto de vista exegético, histórico, literário, crítico textual, arqueológico, filológico, geográfico ou hermenêutico.

### **3.2. O campo de estudo da TS e suas diferenças com os estudos do AT**

A teologia sistemática sempre esteve associada à organização ou ordenação de conceitos centrais na Bíblia, como por exemplo, Deus, cristologia, criação, escatologia, eclesiologia, sacramentos, eclesiologia, etc. Portanto, a teologia sistemática como disciplina visa fornecer um relato coerente da teologia cristã como um todo.

Portanto, existem diferenças metodológicas entre as duas disciplinas, mas essas diferenças, ao meu ver, não devem ser polarizadas ao extremo, como muitos tentam fazer. É comum associar a TS como emergindo da estrutura do pensamento grego (Goldingay 2011, p. 151) em oposição a um estado de espírito do Antigo Oriente Médio refletido no Antigo Testamento. Entretanto, não penso que a investigação histórica deva estar ausente da TS, nem que a coerência sistêmica deva se retirar dos estudos do AT. Mesmo assim, diferenças existem.

A teologia sistemática está mais interessada em doutrinas, enquanto o Antigo Testamento é, em sua maior parte, composto de narrativas que contam a história dos grandes atos de salvação de YHWH na história de seu povo. Também deve ser levado em conta os diversos gêneros literários do AT (poesia, provérbios, leis, profecias, apocalipses, etc.) e como esses gêneros foram usados em seus contextos (como revelação divina e como respostas a essa revelação). Para alguns, a própria noção de textos narrativos e poéticos sugere polissemia, enquanto a teologia sistemática é mais inclinada à unidade e estabilidade.

Portanto a TS labuta pela unidade na diversidade das Escrituras que compreendem tanto o Antigo como o Novo Testamentos. Já a maioria dos estudos do Antigo Testamento estão muito satisfeitos com a diversidade dentro da unidade que é a Bíblia Hebraica.

A luta por unidade e/ou diversidade é ilustrada na história da teologia do Antigo Testamento. Eichrodt (1975) reuniu todo o AT sob o princípio unificador da aliança. A abordagem de Eichrodt foi seguida em inúmeros empreendimentos nos quais novos centros ou '*Mitte*' foram propostos para o Antigo Testamento (Hasel, 1984). Mas Von Rad (1975) propôs que tal unidade não pode ser encontrada no AT, quando ele publicou sua teologia do Antigo Testamento, afirmando que “ao contrário da revelação em Cristo, a revelação de Jahweh no Antigo Testamento é dividida em uma longa série de atos separados de revelação que são muito diferentes em conteúdo”. (Ibid., p. 115).

Nessa perspectiva, o Antigo Testamento conta diferentes histórias, e todas essas histórias juntas formam o que temos como Antigo Testamento.

Recentemente, Rendtorff (2005), aluno de Von Rad, chegou à mesma conclusão, mas com uma metodologia diferente. A teologia veterotestamentária deve escutar as diferentes vozes dos diversos corpora contidos no Antigo Testamento, e somente a partir daí emergem temas ou tópicos que podem ser reunidos em uma teologia do Antigo Testamento. Esses temas ou tópicos não coincidem com as rubricas encontradas nos manuais de teologia sistemática, mas são o resultado de uma leitura cuidadosa do Antigo Testamento. Brueggemann (1997) também enfatizou a diversidade no Antigo Testamento quando construiu sua teologia do Antigo Testamento, fazendo uso da metáfora de um processo judicial onde testemunho e contratestemunho existem lado a lado, apesar do fato de que eles podem diferir amplamente. A abordagem seguida por Gerstenberger (2002) também é reveladora. Ele apresentou uma teoria sobre a teologia do Antigo Testamento com o título: Teologias (no plural!) do Antigo Testamento.

Olhando para essas diferenças marcantes, é preciso perguntar se e de que maneira é possível uma relação entre essas duas disciplinas distintas.

#### **4. Provérbios 8 como estudo de caso**

Para ficar ainda mais clara as diferenças dessas duas áreas, iremos demonstrar como Provérbios 8. 22-31 foi interpretado em alguns estudos recentes do AT e nas Teologias Sistemáticas. Depois de expostas as diferenças, iremos propor um caminho de união entre as duas através da interpretação teológica em ambas as áreas.

#### 4.1. Interpretações recentes de Provérbios 8 nos estudos do AT

As interpretações de Provérbios 8 nos estudos do AT se concentram bastante, como temos observado acima, nos aspectos literários e históricos desse texto. O foco recai em comparações com a literatura ugarítica e egípcia e a relação da sabedoria com os deuses dessa literatura. A maioria dos comentaristas não veem nenhuma referência a Cristo ou à sua geração eterna (leituras comuns na exegese pré-crítica). Encurtando um longo caminho, podemos resumir as interpretações principais em três conceitos diferentes.

1. Sabedoria como deusa. Esse tipo de conclusão é baseado em comparações com a deusa sabedoria do Antigo Oriente Próximo. (Claudia V. Camp, 1985; Michael D. Coogan, 1999, pp. 203–209; e William A. Young, 2001, pp. 221–223). Hermann Gunkel, pai da Crítica da forma do AT, foi um dos primeiros a salientar que a Senhora Sabedoria em Pr. 1-9 tinha as qualidades de uma deusa, e ele sugeriu um pano de fundo mitológico da Mesopotâmia (Hermann Gunkel, 1969, 1:95).

Outros estudiosos não viram um fundo mesopotâmico, mas egípcio para a Senhora Sabedoria, particularmente nas deusas Ísis e Maat. Por exemplo, no final da década de 1960, Christa Bauer-Kayatz apresentou a hipótese de que a deusa egípcia Maat era a ancestral da Senhora Sabedoria de Prov 1–9, fornecendo numerosos paralelos entre as duas. W. L. Knox (1937) também chegou às mesmas conclusões.

Outros estudiosos encontram a província da Deusa da Sabedoria de Prov 8 na própria terra de Israel. Em sua monografia de 1986, *Wisdom and the Book of Proverbs: A Hebrew Goddess Redefined* [Sabedoria e o Livro dos Provérbios: Uma Deusa Hebraica Redefinida], Bernhard Lang postula que a antiga sociedade israelita era em grande parte politeísta, adorando pelo menos uma deusa, Astarte (Rainha do Céu), junto com Yahweh, e contra este pano de fundo “A Senhora sabedoria deve ser entendida como outra deusa” (p. 5).

Desde a década de 1980, a teologia feminista, especialmente na América do Norte, enfocou especificamente a figura da deusa Sabedoria (*hokmâ*) em Israel, incluindo referências em Pv. 8, explorando as possibilidades dessa figura se tornar a base para uma nova espiritualidade cristã (Elisabeth Schüssler Fiorenza, 1983; Rosemary Radford Ruether, 1983, pp. 54–61; Camp, 1985; Susan Cady, Marian Ronan, e Hal Taussig, 1986; e Silvia Schroer, 2000)..

2. Sabedoria como personificação poética. Para alguns estudiosos, a personalidade da Sabedoria em Pv. 8 é apenas poética, e não ontológica (R. B. Y. Scott, 1965, p. 71). Para Gerhard von Rad (1972, pp. 152-153), a Senhora Sabedoria deve ser vista dentro do processo histórico de “teologização” da sabedoria humana; ela é a “voz da ordem do mundo” personificada que convoca e instrui os seres humanos”.

Alguns comentaristas evangélicos, embora reconhecendo o imediato contexto como completamente metafórico (personificação poética), também sugeriram que, à luz do cenário canônico mais amplo, “a personificação da sabedoria, longe de ultrapassar a verdade literal, foi uma preparação para sua declaração completa, uma vez que o agente da criação não era mera atividade de Deus, mas o Filho, Sua eterna Palavra, Sabedoria e Poder (ver também João 1.1–14; 1Co. 1.24, 30; Hb. 1.1–4; Cf. Derek Kidner, 1964, p. 79.).

3. Hipostatização da Sabedoria. A monografia de 1947 de Helmer Ringgren, *Palavra e Sabedoria*, representa uma grande tentativa moderna de argumentar a favor da teoria da hipostatização em relação à Sabedoria. Ringgren refere-se à hipóstase em uma “definição mais ampla do termo” do que o sentido teológico de “pessoa da Trindade” (usado nos debates do século IV); é para ele “uma quase personificação de certos atributos próprios de Deus, ocupando uma posição intermediária entre personalidades e seres abstratos.

Em suma, na erudição bíblica, Provérbios 8.22 recebe atenção concentrada. Os comentaristas também discutem o significado do verbo *הָבִי* em Provérbios 8.22, traduzido de várias maneiras como “trouxe” ou “possuía”, a (pré) existência da Sabedoria e sua identidade como personificação ou hipóstase de Deus. No máximo, os estudiosos da Bíblia afirmam que a Sabedoria é uma estrutura ou tipo de Cristo. No entanto, mesmo com essa conexão, a Sabedoria não é igualada à segunda pessoa da Trindade. Em concordância com outros, Tremper Longman escreve: “Pv. 8 não é uma profecia de Jesus ou qualquer tipo de descrição literal dele.... A Mulher Sabedoria não é uma forma pré-encarnada da segunda pessoa da Trindade. Jesus não deve ser identificado com a Sabedoria... a associação entre Jesus e a Mulher Sabedoria no NT é uma maneira poderosa de dizer que Jesus é a personificação da Sabedoria de Deus” (Longman, pp. 212–13; ver também Delitzsch, p. 183; Fox, 2000, pp. 279, 352–59; Waltke, 2004, pp. 126–31; cf. Murphy, pp.55, 278–87). Essa negação dos estudiosos da

Bíblia entra em conflito com muitos teólogos sistemáticos que identificam Cristo com a Sabedoria como veremos a seguir. Além disso, as conclusões dos comentaristas resistem a qualquer argumento para a natureza Triúna de Deus baseada em Provérbios 8.22. No entanto, os comentários de Longman correspondem às questões interpretativas daqueles teólogos que duvidam de uma correlação direta entre Cristo e a Sabedoria em Provérbios 8. É uma questão de intenção dos autores do Antigo Testamento e a interpretação de seus textos à luz do Novo Testamento.

#### **4.2. Provérbios 8 nas Teologias Sistemáticas**

Provérbios 8.22 e 8.22–31 representam uma das coleções de versículos mais citados de Provérbios na teologia sistemática. Além disso, as referências se concentram no contexto das pessoas divinas, sob categorias rotuladas como “A Trindade”, “A Divindade do Filho” e “A Distinção e Unidade da Trindade”. Os teólogos quase uniformemente usam Provérbios 8.22–31 para defender a distinção dentro da unidade entre o Pai e o Filho, a eternidade desse relacionamento e a identidade de Cristo como Sabedoria (à Brakel: 1:160–61; Bavinck: 2:261, 421, 423; Berkhof: 86; Bray: 167; Calvin: 13,7; Frame: 111, 323, 435; Gill: 1.xxiv.1; Grenz: 393; Grudem: 229; Härle: 335, 402; Hodge: 1: 505; Johnson: 125; Kraus: 72, 409; Moule: 71; Strong: 309, 341, 378, 380; Thiessen: 287; Turretin: 1:292–95, 287; 2:178, 344). Provérbios 8.22 aparece especialmente neste contexto, pois pertence ao argumento ariano de que o Filho foi criado por Deus (Bavinck: 2:290, 310; Berkouwer 1954: 61; Calvin: 14.8; Erickson: 696; Grudem: 243; Hodge: 1:396-97). Lê-se: “O Senhor me criou/possuiu no início de sua obra, o primeiro de seus atos de muito tempo atrás”. Com menos consenso, Provérbios 8.22–31, muitas vezes com Provérbios 3.19, ocorre no contexto da doutrina da criação. Ele apoia uma variedade de pontos, todos relacionados à ordem criada: Deus fez o mundo por meio da sabedoria; havia uma realidade pré-temporal; sabedoria, Cristo e Deus existiam antes da criação; toda a criação é boa; e em Provérbios 8, Deus se revela ao homem sem um mediador (Mason: 78; Frame: 192; Bavinck: 2:418, 426; Fitzwater: 245; Garrett: 345; Gill 1767: 3.i.3; Turretin: 1:437 ; Oden: 1:245; Barth: 3.i.52; van Oosterzee: 262; Dorner: 296).

Além desse uso concentrado para a doutrina da Trindade e da criação, os teólogos fornecem Provérbios 8.22-31 como evidência dos decretos de Deus, sua revelação geral e especial, seu atributo de sabedoria, providência, amor de Cristo pelos

eleitos, a criação de anjos, e também dentro de prolegômenos (Bavinck: 1:318, 314; 2:372, 421; Gill 1767: 1.xix.3; 2.i.2; 2.iv; Thiessen: 152; Turretin: 1:431, 540; Frame: 180; Johnson: 61; Kraus: 98, 209; Berkhof: 69; Berkouwer 1952: 205; Barth: 3.i.145; Thielicke: 1:195; Pope: 125, 146). Isso mostra os usos variados de Provérbios, mas também algumas semelhanças firmes, a saber, a interpretação cristológica consensual: os teólogos sistemáticos interpretam a Sabedoria em Provérbios 8.22 como sendo Cristo, apoiando uma doutrina da divindade trina quase em conjunto. Alguns teólogos expressam mais cautela ao aplicar este texto às preocupações trinitárias (Garrett: 309, 346; Dörner: 348; Weber: 1:357; Pannenberg: 1:265; 2:24, 368; Barth: 3.i.52, 57).

Pannenberg fundamenta a preexistência de Cristo nas afirmações do Novo Testamento sobre a autoridade divina de Jesus. No entanto, ele observa que essa ideia “poderia surgir facilmente em vista de sua relação com as noções judaicas da pré-existência da sabedoria divina (Pr. 8:22ss.; Cf. Pannenberg: 1:265). Ele afirma mais enfaticamente: “No que diz respeito à função [de Cristo] como mediador da criação, o NT desenvolve a ideia do Filho de Deus em conexão com o conceito judaico de sabedoria divina preexistente (Pv 8.22-31) e a expressa em termos do Logos” (Pannenberg: 2:24). Embora Pannenberg possa mostrar alguma reserva, ele identifica uma ligação entre o papel trinitário de Cristo e Provérbios 8. Garrett observa a importância de traduzir Pr. 8.22 como “criado”, mas articula a questão interpretativa mais ampla: “Portanto, uma coisa é concluir que o Antigo Testamento contém indicadores para a diferenciação do Pai, do Filho e do Espírito Santo que são consistentes com a doutrina cristã da Trindade em Unidade de Deus. Outra coisa é afirmar que os escritores do AT pretendiam falar e explicar essa doutrina. Parece, portanto, que a primeira opção em vez da segunda deve ser tomada” (Garrett: 1:309).

### **Conclusão: Hermenêutica Teológica como ponto (de partida e) de contato**

Com todas essas diferenças, seria possível uma maior aproximação? Seria possível um engajamento sério, sem ficar “em cima do muro”, ou levaríamos pedradas dos dois lados? Em uma época de especialização cada vez maior, onde sofremos de uma sobrecarga de informação, será que algum remédio ou terapia será suficiente? Numa época onde há pouco esforço de cooperação entre os estudiosos do AT e do NT, pouco

até mesmo entre os estudiosos do próprio AT, perguntar da relação entre AT e TS parece mais pesado do que a antiga pergunta de Tertuliano, sobre o que Jerusalém tem a ver com Atenas. Falando de um ponto de vista histórico, os estudiosos do Antigo Testamento podem sentir que 'finalmente estão livres' da escravidão das doutrinas dogmáticas que os mantiveram reféns por tantos anos? As forças da história afastarão cada vez mais as disciplinas bíblicas e teológicas? Que Deus nos livre!

E os teólogos sistemáticos? Realmente precisam dos estudos do AT? É justo esperar que os teólogos sistemáticos conheçam as últimas teorias sobre a autoria e origem do Pentateuco ou as últimas teorias sobre quando e como os livros proféticos se originaram ou sobre os últimos desenvolvimentos no campo da teologia da sabedoria? Os teólogos sistemáticos precisam saber qual veio primeiro: J ou D?

Às vezes, tenho a sensação de que os teólogos sistemáticos, na melhor das hipóteses, não estão interessados ou, na pior das hipóteses, simplesmente entediados com os detalhes examinados de um texto, enquanto os estudiosos do Antigo Testamento, muitas vezes perdem de vista o quadro geral.

A proposta desse ensaio é mostrar como a recente (mas antiga) metodologia da hermenêutica teológica (veja algumas indicações de leitura na bibliografia) pode ajudar a reaproximar os estudos bíblicos e dogmáticos.

Nesse encontro, os estudos do AT precisam de uma hermenêutica teológica, enquanto a TS precisa de uma teologia hermenêutica. A hermenêutica teológica (cristã) já parte do pressuposto do Deus triúno que se revela na Bíblia, e na Bíblia como palavra desse Deus.

Aplicada aos estudos do AT, tal abordagem se coloca para além dos reducionismos encontrados em outras abordagens, como o método histórico-crítico, por exemplo. Absolutizar os aspectos linguísticos e históricos sem levar em conta o aspecto teológico, é reduzir a análise de tal forma a se perder o próprio propósito a qual se dirige o texto em seu contexto. A Bíblia não é uma obra literária homérica ou uma tese historiográfica iluminista (caso fosse, justificaria o método histórico-crítico), mas um livro sobre Deus para o povo de Deus. Portanto, um livro centralmente teológico precisa de uma hermenêutica teológica para seu entendimento adequado. Nesse sentido, a TS pode (deve) contribuir para os estudos do AT, ao lembrar seus estudiosos da unidade e coerência teológica em meio a diversidade do AT e que, os estudos do AT nunca serão completos se pararem nesse lado do cânon. A hermenêutica teológica nos lembra não apenas da unidade canônica, mas da unidade da teologia como um todo, onde cada

“área” é importante por si só, mas deve ser reintegrada no todo do labor teológico. Um exemplo prático disso tudo é que, se o AT como um todo ensina o monoteísmo, uma de suas partes (Pv. 8, por exemplo) não irá ensinar positivamente sobre a existência de uma distinta deusa real a mais que deve ser adorada junto com YHWH. A hermenêutica teológica em sua expressão sistemática ajuda a pôr limites na contextualização, a fim de que a exegese não caia na falácia da paralelomania.

Por outro lado, a TS precisa ser fundamentalmente informada pela Teologia Bíblica, o que inclui não apenas o NT, mas também a Bíblia Hebraica – a final, é uma sistematização desse conteúdo bíblico. Desse modo, os teólogos sistemáticos precisam primeiro ouvir o texto bíblico em seu contexto original, responder a ele com fé, e depois colocar essa fé responsiva para buscar o entendimento coerente do todo. Voltando ao nosso exemplo sapiencial, os teólogos devem evitar “saltar” direto para as conclusões trinitárias e cristológicas, sem antes dar ouvidos ao texto em si, para só depois colocá-lo em seu contexto canônico e ver suas recepções na Teologia Histórica.

Para concluirmos, voltamos ao velho círculo hermenêutico, onde o todo é formado pelas partes e as partes informadas pelo todo. Alguns pensam que esse círculo é vicioso, pois não podemos escapar da prisão de suas garras. Prefiro pensar nesse círculo como virtuoso, não querendo me afastar de seu abraço caloroso.

## REFERÊNCIAS

### **Obras citadas dos estudos do AT (e outros textos úteis para a discussão).**

- Bernhard Lang. 1986, *Wisdom and the Book of Proverbs: A Hebrew Goddess Redefined*. New York: Pilgrim.
- Brueggemann, W., 1997, *Old Testament theology: Testimony, dispute, advocacy*, Fortress Press, Minneapolis.
- Childs, B.S., 1992, *Biblical theology of the Old and New Testaments: Theological reflection on the Christian Bible*, SCM Press, London.
- Childs, B.S., 1985, *Old Testament theology in a canonical context*, SCM Press, London.
- Christa Bauer-Kayatz. 1966, *Studien zu Proverbien 1–9*. WMANT 22: Neukirchen-Vluyn: Neukirchener; e idem, 1969, *Einführung in die alttestamentliche Weisheit (BibS(N) 55*: Neukirchen-Vluyn: Neukirchener.
- Claudia V. Camp. 1985, *Wisdom and the Feminine in the Book of Proverbs* Sheffield: Almond.
- Coogan, Michael D. 1999, “The Goddess Wisdom—‘Where Can She Be Found?’” in *Ki Baruch Hu: Ancient Near Eastern, Biblical, and Judaic Studies in Honor of Baruch A.*

- Levine, ed. Robert Chazan, William W. Hallo, and Lawrence H. Schiffman. Winona Lake: Eisenbrauns, 203–209.
- De Gruchy, J., 1994, 'The future of Old Testament studies from the perspective of systematic theology', *Old Testament Essays* 7(4), 282-285.
- Deist, F.E., 1987, 'Relatiwisme en Absolutisme: Kan dit oorkom word? Oor "Bybelse" en "Dogmatiese" Teologie', in W.S. Prinsloo & W. Vosloo (reds.), *Ou Testament teologie: Gister, vandag en more*, bl. 1-17, NG Kerkboekhandel, Pretoria.
- Delitzsch, Franz. 1865. *Biblical Commentary on the Proverbs of Solomon*, translated by M. G. Easton. Edinburgh, UK: T. & T. Clark.
- Derek Kidner. 1964, *Proverbs: An Introduction and Commentary*, TOTC. Downers Grove: InterVarsity.
- Eichrodt, W., 1975, *Theology of the Old Testament*, SCM Press, London.
- Elisabeth Schüssler Fiorenza. 1983, *In Memory of Her: A Feminist Theological Reconstruction of Christian Origins*. New York: Crossroad.
- Fox, Michael V. 2009. *Proverbs 10-31: A New Translation with Introduction and Commentary*. AB. New Haven, CT: Yale University Press. 2000.
- \_\_\_\_\_. *Proverbs 1–9: A New Translation with Introduction and Commentary*. AB. New York, NY: Doubleday.
- Gerhard von Rad, *Wisdom in Israel* (trans. James D. Martin: Nashville: Abingdon, 1972),
- Gerstenberger, E.S., 2002, *Theologies of the Old Testament*, T & T Clark, Edinburgh.
- Goldingay, J., 2011, *Key questions about Biblical interpretation: Old Testament answers*, Baker Academic, Grand Rapids.
- Hasel, G.F., 1984, *Old Testament theology: Basic issues in the current debate*, 3rd rev. and expanded edn., Eerdmans, Grand Rapids.
- Hayes, J.H., 1981, *An introduction to Old Testament study*, Parthenon Press, Nashville.
- Helmer Ringgren, 1947, *Word and Wisdom: Studies in the Hypostatization of Divine Qualities and Functions in the Ancient Near East*. Lund: Haken Ohlssons Boktryckeri.
- Heyns, J.A., 1987, 'Respons op F E Deist, Relatiwisme en Absolutisme: Kan dit oorkom word? Oor "Bybelse" en "Dogmatiese" Teologie', in W.S. Prinsloo & W. Vosloo (reds.), *Ou Testament teologie: Gister, vandag en more*, bl. 18-28, NG Kerkboekhandel, Pretoria.
- House, Paul R. 2005, *Teologia do Antigo Testamento*. Tradução: Sueli Silva Saraiva. São Paulo: Editora Vida.
- Knox, W. L. 1937, "The Divine Wisdom," *Journal of Theological Studies* 38: 230–237; cf. Fox, *Proverbs 1–9*, 336–338.
- Le Roux, J.H., 1993, A Story of two ways: Thirty years of Old Testament scholarship in South Africa, *Verba Vitae*, Pretoria. (Old Testament Essays, Supplement Series 2).
- Lemche, N.P., 2008, *The Old Testament between theology and history: A critical survey*, Westminster John Knox Press, Louisville.
- Longman, Tremper. 2006. *Proverbs*. Grand Rapids, MI: Baker Academic.
- MacDonald, N.B., 2006, *Metaphysics and the God of Israel: Systematic theology of the Old and New Testaments*, Baker Book House, Grand Rapids.
- Murphy, Roland E. 1998. *Proverbs*. WBC. Nashville, TN: T. Nelson Publishers.

Rahner, K., 1979, *Theological investigations*, vol. XVI, Experience of the Spirit: Source of theology, Darton, Longman & Todd, London.

**Obras citadas dos estudos da TS (e outros textos úteis para a discussão)**

à Brakel, Wilhelmus. 1770. *The Christian's Reasonable Service*. 4 Vols. Grand Rapids, MI: Reformation Heritage Books.

Barth, Karl. 1956. *Church Dogmatics*. 13 Vols. Edinburgh, UK: T&T Clark.

Bavinck, Herman. 1901. *Reformed Dogmatics*, edited by J. Bolt; translated by John Vriend. 4 Vols. Grand Rapids, MI: Baker Academic.

Berkhof, Louis. 1953. *Systematic Theology*. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans.

Berkouwer, G. C. 1971. *Sin*. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans.

\_\_\_\_\_ 1954. *The Person of Christ*. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans.

\_\_\_\_\_ 1952. *The Providence of God*. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans.

Boice, James Montgomery. 1986. *Foundations of the Christian Faith: A Comprehensive & Readable Theology*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press.

Bolt, John. 2011. “Bavinck’s Use of Wisdom Literature in Systematic Theology.” *Scottish Bulletin of Evangelical Theology* 29: 4–23.

Bray, Gerald Lewis. 2012. *God Is Love: A Biblical and Systematic Theology*. Wheaton, IL: Crossway.

Calvin, John. 1536. *Institutes of the Christian Religion*. Edited by J. McNeill, translated by F. Battles. 2 Vols. Philadelphia, PA: Westminster Press.

Carson, D.A. 1991. “The Role of Exegesis in Systematic Theology.” Pp. 17–38 in *Doing Theology in Today’s World: Essays in Honor of Kenneth S. Kantzer*, edited by J. Woodbridge & T.

Erickson, Millard. 1983. *Christian Theology*. Grand Rapids MI: Baker Books.

Frame, John M. 2013. *Systematic Theology: An Introduction to Christian Belief*. Phillipsburg, NJ: P&R Publishing.

Gaffin, Richard. 1976. “Systematic Theology and Biblical Theology.” *Westminster Theological Journal* 38/3: 281-99.

Gill, John. 1770. *Body of Divinity*. <http://www.preteristarchive.com/Books/1769-gill-divinity.html>

Grenz, Stanley J. 1994. *Theology for the Community of God*. Nashville, TN: Broadman & Holman Publishers.

Grudem, Wayne A. 1994. *Systematic Theology: An Introduction to Biblical Doctrine*. Leicester, UK: Inter-Varsity Press.

Hodge, Charles. 1845. *Systematic Theology*. 3 Vols. Peabody, MA: Hendrickson Publishers.

Horton, Michael. 2011. *The Christian Faith: A Systematic Theology for Pilgrims on the Way*. Grand Rapids, MI: Zondervan.

Pannenberg, Wolfhart. 1991. *Systematic Theology*. 3 Vols. Grand Rapids, MI: Eerdmans.

- Strong, Augustus. 1907. *Systematic Theology*. 3 Vols. Philadelphia, PA: Judson Press.
- Thiessen, Henry. 1956. *Introductory Lectures in Systematic Theology*. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans.
- Turretin, Francis. 1696. *Institutes of Elenctic Theology*, edited by J. Dennison; translated by G. Giger. 3 Vols. Phillipsburg, NJ: P&R Publishing.
- Vanhoozer, Kevin. 2014. “‘*Is the Theology of the New Testament One or Many?*’” Pp. 17–38 in *Reconsidering the Relationship Between Biblical and Systematic Theology in the New Testament: Essays by Theologians and New Testament Scholars*, edited by B. Reynolds & B. Lugioyo. Tübingen, Germany: Mohr Siebeck.

### **Obras seleccionadas para o estudo da Hermenêutica Teológica**

- Cunningham, Mary Kathleen. 1995, *What Is Theological Exegesis? Interpretation and Use of Scripture in Barth’s Doctrine of Election*. Valley Forge, PA: Trinity Press International.
- Daley, Brian E. “Is Patristic Exegesis Still Usable? Reflections on Early Christian Interpretation of the Psalms.” *Communio* 29 (Spring 2002): 185–216.
- Davis, Ellen F., and Richard B. Hays, eds. 2003, *The Art of Reading Scripture*. Grand Rapids: Eerdmans.
- Fowl, Stephen E. 1998, *Engaging Scripture: A Model for Theological Interpretation. Challenges in Contemporary Theology*. Oxford: Blackwell.
- . 1997, ed. *The Theological Interpretation of Scripture: Classic and Contemporary Readings*. Oxford: Blackwell.
- Fowl, Stephen E., and L. Gregory Jones. 1991, *Reading in Communion: Scripture and Ethics in Christian Life*. Grand Rapids: Eerdmans.
- Jeanron, Werner. 1991, *Theological Hermeneutics: Development and Significance*. New York: Crossroad.
- Jeffrey, David L. 2003, *Houses of the Interpreter: Reading Scripture, Reading Culture*. Waco, TX: Baylor University Press.
- Lundin, Roger, Anthony C. Thiselton, and Clarence Walhout. 1999, *The Promise of Hermeneutics*. Grand Rapids: Eerdmans.
- . 1985, *The Responsibility of Hermeneutics*. Grand Rapids: Eerdmans.
- Martin, Francis. 2006, *Sacred Scripture: The Disclosure of the Word*. Naples, FL: Sapientia.
- Vanhoozer, Kevin J. “Body-Piercing, the Natural Sense, and the Task of Theological Interpretation: A Hermeneutical Homily on John 19:34.” *Ex Auditu* 16 (2000): 1–29.
- . 2005, *The Drama of Doctrine: A Canonical-Linguistic Approach to Christian Theology*. Louisville: Westminster/John Knox.
- . 2002, *First Theology: God, Scripture, Hermeneutics*. Downers Grove, IL: InterVarsity.
- . 1998, *Is There a Meaning in This Text? The Bible, the Reader, and the Morality of Literary Knowledge*. Grand Rapids: Zondervan.

- Vanhoozer, Kevin J., Charles A. Anderson, and Michael J. Sleasman, eds. 2007, *Everyday Theology: How to Read Cultural Texts and Interpret Trends*. Grand Rapids: Baker Academic.
- Vanhoozer, Kevin J., James K. A. Smith, and Bruce Ellis Benson, eds. 2006, *Hermeneutics at the Crossroads*. Indiana Series in the Philosophy of Religion. Bloomington: Indiana University Press.
- Vanhoozer, Kevin J., et al., eds. 2005, *Dictionary for Theological Interpretation of the Bible*. Grand Rapids: Baker Academic.
- Watson, Francis. 1997, *Text and Truth: Redefining Biblical Theology*. Grand Rapids: Eerdmans.
- . 1994, *Text, Church and World: Biblical Interpretation in Theological Perspective*. Grand Rapids: Eerdmans.
- Williams, David M. 2004, *Receiving the Bible in Faith: Historical and Theological Exegesis*. Washington, DC: Catholic University of America Press.
- Zimmermann, Jens. 2004, *Recovering Theological Hermeneutics: An Incarnational Trinitarian Theory of Interpretation*. Grand Rapids: Baker Academic.